

AS IMPLICAÇÕES DE GÊNERO NO DISCURSO DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Lissane da Silva Pereira¹

Elizangela Dias Santiago Fernandes²

INTRODUÇÃO

Este trabalho permite a observação das grandes transformações sociais que envolvem o universo feminino, na busca pela igualdade e equidade da mulher em relação ao homem, envolvendo o seu espaço e direito igualitário. Ou seja, diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres, nas quais o gênero está ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade e estas diferenças são culturalmente produzidas. Se há desigualdade é porque os homens e mulheres são socializados em papéis diferentes, sendo assim, as identidades são resultado de influências sociais.

Portanto, problematizamos essa pesquisa da seguinte maneira: Como acontece a ação docente dos/das professores/as que atuam na Educação Básica do município de Guarabira/PB acerca da temática das relações de gênero e quais as implicações dessa discussão para a educação sexual dos sujeitos inseridos no ato educativo? Logo, essa pergunta de pesquisa contribuiu para aprofundarmos as razões do gênero feminino ser socialmente classificado como sexo frágil e como esse rótulo impacta na educação feminina e o cotidiano da mulher, seja na esfera educacional ou na sociedade como um todo.

Nessa perspectiva o objetivo geral foi analisar como os/as professores/as da Educação Básica do município de Guarabira/PB discutem as relações de gênero e quais as implicações dessa discussão para a educação sexual dos sujeitos imbricados no ato educativo. E, os objetivos específicos são: (1) identificar quais os elementos são mobilizados pelas professoras para a discussão das relações de gênero; (2) compreender/discutir quais entraves são possibilitados para a repercussão das relações patriarcais e da desvalorização feminina na sociedade; e, (3) refletir as implicações da discussão de gênero para a educação sexual dos sujeitos imbricados no ato educativo.

¹ Graduanda em Pedagogia, Universidade Estadual da Paraíba, lissane.pereira@aluno.uepb.edu.br

² Mestra em Educação e professora substituta, Universidade Estadual da Paraíba, dias.liz@hotmail.com

Para o desenvolvimento da fundamentação teórica nos respaldamos nas ideias de: Perrot (1984), Foucault (1985), Bruschini; Barroso (1986), Nunes (1987), Laurentis (1996), Louro (1997), Badinter (1998), Mesquita; Ramos; Santos (2001), Macedo (2002), Duarte (2003), Spitzner (2005), Manoel (2008) e Palhano (2015), entre outros(as) que colaboraram de forma significativa para reflexão do tema.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para explicar as relações de gênero, é importante compreender o contexto geral em que ocorreram as grandes transformações sociais, principalmente a partir da segunda metade do século XX, seja na política ou na economia, tendo como ênfase a transformação do pensamento sexual humano, em especial na construção social do gênero. A busca da mulher por espaço e igualdade, através dos muitos movimentos feministas ocorridos em várias partes do mundo, perturba a dominação masculina predominante nos últimos séculos, principalmente no ocidente.

Certamente, muito já foi pensado, falado e discutido a respeito do gênero, dos conceitos e significâncias de homem, masculinidade, dominação, e também mulher, feminilidade e inferioridade. Segundo o coordenador do Instituto Brasileiro de Transmasculinidade, gênero é:

[...] uma construção social que permite que a gente exerça um papel na sociedade. Particularmente, considero isso algo muito opressor, que define lugares a partir de posições de poder, quando nenhuma identidade deve ser engessada (PALHANO, 2015, p 01).

Quando pensamos em escola, pensamos na função social que ela desempenha. Tendo em vista que este ambiente se propõe a preparar o indivíduo, no papel de aluno, para inseri-lo socialmente, unificando o saber com as vivências que o mesmo possui. Tal como a igreja e a família, a escola exerce grande relevância na formação do indivíduo por ser um lugar que possibilita a socialização e interação entre diferentes sujeitos em sociedade.

É comum, na educação tradicional, observarmos distinções entre os gêneros nas mais banais situações. Como, por exemplo, na organização de filas, em grupos para atividades e brincadeiras, havendo nitidamente um padrão estabelecido. Ao aplicar tal metodologia no ambiente escolar, a escola está promovendo a diferenciação entre meninos e meninas, o que é extremamente problemático, pois ao classificar e segregar os alunos de acordo com o seu gênero estamos normalizando a relação de desigualdade que há socialmente entre homens e mulheres em um espaço onde o indivíduo está em processo de construção de seus valores e conscientização. Em relação a

aplicação de tais ações no cotidiano escolar e o impacto social que as mesmas possuem na relação entre gêneros, Louro fala:

[...] essas concepções foram e são aprendidas e interiorizadas; tornam-se quase “naturais” (ainda que sejam fatos culturais”). A escola é parte importante desse processo. Tal “naturalidade” fortemente construída nos impeça denotar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas. Observamos, então que eles parecem “precisar” de mais espaço do que elas, parecem preferir “naturalmente” as atividades do ar livre. Registrarmos a tendência nos meninos de “invadir” os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. E, usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na “ordem das coisas”. (LOURO, 1999, p. 60).

Ou seja, ainda que essas relações sociais sejam uma construção histórica e cultural, a sociedade em que estamos inseridos, onde há uma ideologia patriarcal predominante, perpetua papéis que são considerados ideais para meninos e meninas. De tal modo, gera-se um comodismo entre os indivíduos, uma inércia, pois consideram algo natural, afinal, “sempre foi de tal forma”, logo, é inalterável.

Seguindo as ideias de Louro (1999) enxergamos a escola como um local que exerce a função de transmitir conhecimentos, produzindo formadores de opinião. Nesse papel, a mesma vem fortalecendo os padrões de desigualdade que há na sociedade em relação a homens e mulheres, corroborando e perpetuando com a opressão e segregação existente há muito tempo na história com o gênero feminino. Entretanto, tendo em vista que estamos em constante construção de saberes e que a história é suscetível às mudanças, a escola juntamente com o corpo docente que a compõe, possui o dever de resistir e se posicionar contra padrões preconceituosos, sejam eles quais forem.

É possível notar que há uma naturalização em relação às formas de preconceito, nas quais as ideias conservadoras são repassadas de geração para geração, promovendo uma reprodução de comportamentos moralistas e discriminatórios. Neste sentido, podemos dizer que:

[...] homens e mulheres só podem conviver em sociedade, a discriminação sempre ocorrerá em relação ao outro, portanto, a discriminação é fruto das relações sociais que estabelecemos através da reprodução de desvalores que, por vezes, incorporamos acriticamente no nosso cotidiano. [...] através de brincadeiras, piadas e gozações aspectos do jeito de ser e viver dos indivíduos, colocando-os em situação vexatória. (MESQUITA; RAMOS; SANTOS, 2001, p. 83).

Sendo assim, é preciso que haja uma conscientização do impacto que tais ações causam nos indivíduos e do poder que a escola, no papel de um ambiente democrático, possui. É importante que os que fazem parte desse espaço reflitam de forma crítica a respeito das ações que fazem parte do

cotidiano deles, conscientizando-se que há diferentes pessoas vivendo de diversas formas, não havendo um único padrão considerado correto para determinar os comportamentos dos indivíduos.

METODOLOGIA

A presente pesquisa possuiu caráter qualitativo, pois esta abordagem possibilitou a realização de um estudo de campo, como nos propusemos, analisando fenômenos, seres humanos e suas relações sociais nos mais variados ambientes. A visita a campo proporcionou uma experiência em uma escola pública e outra privada, na qual foi possível aplicar um questionário com 10 professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa nos revelam a falta de conhecimento que ainda se faz presente nos/as educadores/as em relação a temática de gênero e sexualidade, ainda possuindo uma visão extremamente limitada e até mesmo preconceituosa, além de falta de aptidão em identificar casos que envolvem o preconceito de gênero devido à escassez de disciplinas ou debates que discorrem a respeito do assunto ao longo de sua formação, de modo que tragam a eles o discernimento necessário para desempenhar o seu trabalho com alunado em sala de aula. Neste sentido, se faz necessário que haja mais aprofundamento na área durante o ensino superior para que assim seja possível a formação de docentes capacitados e entendidos acerca da questão de gênero e sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo me permitiu constatar as dificuldades que ainda se fazem presentes na esfera educacional dos anos iniciais de Ensino Fundamental relacionadas às questões de gênero e sexualidade. Foi possível observar que por mais que as mulheres enfrentem diariamente adversidades em sua vida social e pessoal, seja por discriminação ou não aceitação de sua diferença como mulher, o feminismo ainda enfrentará muitas barreiras, sejam como formação de identidade ou poder político na sociedade, pois é notório que ainda há dificuldades em compreender quando a figura feminina é vítima de discriminação devido ao seu gênero. E, isto, provavelmente, ocorre devido o preconceito está tão enraizado em nossa sociedade e, após séculos de normalização, ainda não estarmos aptos para distinguir quando estamos sendo vítimas de uma sociedade machista e opressora, que nos poda e nos limita constantemente.

Outro ponto pertinente que nos fez refletir foi a questão das dificuldades em se trabalhar gênero e sexualidade dentro de sala de aula, onde os docentes alegam que devido a pouca idade do alunado e por ser um tema considerado polêmico não é viável de acontecer. Entretanto, é preciso refletir sobre tudo o que engloba a questão de gênero e sexualidade e do papel que a escola deve exercer em proteger a criança e o/a adolescente.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aline P; COSTA, Ana M. M; PAIVA, Pedro H. A. da S. **GÊNERO E SEXUALIDADE NO P.N.E. (2014-2024)**: discursos e sujeitos no contexto mossoroense. II Congresso Nacional de Educação. Mossoró, 2015

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Trad. Maria Ignez Duque estrada. 2a edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOFF, Leonardo. **Princípios teológicos para um equilíbrio dos gêneros**, 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Jurandir F. **O referente da identidade homossexual**. 1994.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.151-172, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142003000300010&script=sci_arttext. Acesso em: 15 de Janeiro de 2021.

DINUCCI JÚNIOR, C. A. M. "HOMEM E MULHER OS CRIOU": A igualdade intergêneros do "Jardim do Éden" ao pensamento feminista, **Revista Transformar**, 7ª Edição, p. 136-145, 2015.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Linhas**, Santa Catarina, v.7, n.1, p.1-21, 2006.

GOMES, Cândido Alberto da C.; CAPANEMA, Cléia de Freitas; CÂMARA, Jacira da Silva. Perspectiva na educação católica no Brasil. In: GARCIA, Irmã Jacinta; CAPDEVILLE, Guy. **Educação Católica**. Bauru: EDUSC; Brasília: UNIVERSA, 2001, p. 17-55.

GIDDENS, A. Heteronormatividade. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília, DF: MEC; Unesco, 2009. p. 85-93.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In. JUNQUEIRA, R.D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In Hollanda, H. (org.) **Tendências e impasses.** O feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. A documentação de Maria Lacerda de Moura (1887-1945). **Revista brasileira história,** v. 17, n. 33, p. 238-250, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina (1859-1919):** uma face do conservadorismo. Maringá: Eduem, 2008.

MANTOUX, Paul. **A Revolução Industrial no século XVIII.** São Paulo: Editora da UNESP/Ucitec, s/d..

MESQUITA, Mary lúcia; RAMOS, Sâmya R; SANTOS, Silvana M. M. Contribuições à crítica do preconceito no debate do Serviço Social In: MUSTAFÁ, Alexandra M. (org.) **Presença Ética** vol. 1-anuario filosófico-social do GEPE-UFPE. Recife: UNIPRESS Gráfica e Editora do NE, 2001.

MESQUITA, Mary lúcia; RAMOS, Sâmya R; SANTOS, Silvana M. M. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.